

A PSICOLOGIA TOMISTA COMO INSTRUMENTO DE ESTUDO DA PLASTICIDADE DO ETHOS¹

Thomistic Psychology as a Tool to Study of the Plasticity of *ethos*

*Lamartine de Hollanda Cavalcanti Neto*²

Resumo

A plasticidade do *ethos* é um tema interdisciplinar que, devido à escassez de estudos diretamente voltados para ele, parece situar-se ainda numa fase de definição metodológica. O presente artigo procura sintetizar nossas investigações sobre a possibilidade de se considerar a Psicologia Tomista como um instrumento de estudo válido para o referido tema, bem como sobre alguns dos aportes que ela pode oferecer ao mesmo. Ele resume um trabalho mais amplo que apresentamos sob a forma de tese de doutorado em bioética junto ao Centro Universitário São Camilo, em São Paulo, Brasil, em agosto de 2012.

Palavras-chave: Psicologia Tomista, *ethos*, plasticidade do *ethos*.

Abstract

The plasticity of *ethos* is an interdisciplinary topic that, due to the lack of studies related directly to the subject, still appears to be in its phase of methodological definition. This article attempts to summarize our research on the possibility of considering Thomistic Psychology as a valid study tool for the aforementioned theme, as well as some of the contributions it can offer to the study itself. It summarizes a broader work that we presented in the form of a doctoral thesis in Bioethics at the Centro Universitário São Camilo, in São Paulo, Brazil, in August, 2012.

Keywords: Thomistic Psychology, *ethos*, plasticity of *ethos*.

Resumen

La plasticidad del *ethos* es un tema interdisciplinario que parece estar todavía en fase de definición metodológica, debido a la escasez de estudios sobre el mismo. Este artículo trata de sintetizar nuestras investigaciones sobre la Psicología Tomista como herramienta válida para el estudio de esa materia y sobre algunas de las contribuciones que ella puede ofrecer a dicho estudio. En él se resume una obra más

1) Artigo resumo da tese de Doutorado intitulada “Contribuições da Psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do *ethos*”, e apresentado como comunicação no 14º Congresso Internacional Virtual de Psiquiatria.com - Interpsiquis 2013, em fevereiro de 2013. A tradução deste artigo para o inglês pode ser encontrada em [the English translation of this article can be found at]: <http://bit.ly/14x5suQ>

2) Médico psiquiatra, professor de Psicologia no Instituto Filosófico Aristotélico-Tomista, especialista em Teologia Tomista pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro e doutor em Bioética pelo Centro Universitário São Camilo (todos situados em São Paulo, Brasil). Artigo recebido em 3/8/2012; aprovado em 30/4/2013.

amplia que apresentamos bajo la forma de tesis doctoral en bioética en el Centro Universitario São Camilo, en São Paulo, Brasil, en agosto de 2012.
Palabras-llave: Psicologia Tomista, *ethos*, plasticidad del *ethos*.

Introdução

Um questionamento recorrente em alguns círculos acadêmicos é a validade da contribuição dos ensinamentos de São Tomás de Aquino para os nossos dias. São tamanhas as mudanças de ambientes, de costumes, de concepções, de cosmovisões, que não faltam os que, ainda quando reconhecem a sua importância do ponto de vista histórico, podem considerá-los carentes ou ultrapassados, do ponto de vista metodológico-científico, e, portanto, destituídos de utilidade prática para o mundo hodierno.

Tal concepção, contudo, pode resultar de uma avaliação superficial. Com efeito, um estudo mais acurado do acervo doutrinário tomista tem revelado surpreendentes aplicações para temas contemporâneos, inclusive alguns dos mais postos em evidência pelos meios de comunicação. Tivemos oportunidade de constatá-lo ao estudar, com critérios estritamente acadêmicos, seus aportes aos temas bioéticos. Tal acervo permitiu-nos, inclusive, identificar e examinar, com a devida profundidade, uma questão que parece estar na raiz de praticamente todos os demais problemas bioéticos da atualidade que será um dos objetos do presente artigo.

Outra observação surpreendente foi a utilidade do contributo do Aquinate para a exploração de temas de fronteira, em geral pouco estudados. Um deles, como o pudemos constatar depois de acurada pesquisa bibliográfica, é o que, à falta de uma denominação pré-estabelecida, poderíamos chamar de plasticidade do *ethos*.

É fato de observação corrente que as questões, dúvidas ou dilemas de cunho ético-moral³ fazem parte do cotidiano de grande número de pessoas e, mais especialmente, dos estudiosos da Teologia, da Filosofia, do Direito e das Ciências da Saúde. Uma primeira indagação a que eles podem dar ocasião é sobre o porquê de sua ocorrência e frequência. O que haveria, na

3) Associamos intencionalmente, neste artigo, os vocábulos “ético” e “moral”, para não termos de entrar na discussão sobre a univocidade ou heterogeneidade de seus respectivos conceitos. Fazemos, por um lado, por amor à brevidade, e por outro, porque já estudamos a questão em outro trabalho (CAVALCANTI NETO, Lamartine de Hollanda. Repercussões éticas do processo psicológico de formação de certezas: um enfoque tomista. In: CONGRESSO INTERNACIONAL VIRTUAL DE PSIQUIATRIA E NEUROCIÊNCIAS – INTERPSIQUIS, 12, fev. 2011. Disponível em: <<http://www.bibliopsiquis.com/bibliopsiquis/bitstream/10401/2472/1/14conf949961.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2011), para o qual remetemos o leitor interessado.

natureza humana, que a tornaria capaz de desejar, propor, aceitar ou rejeitar mudanças ético-morais, as quais, por sua vez, dariam origem às referidas questões?

Foi diante de tal indagação que surgiu o esboço de tema e de problema de pesquisa para os quais voltamos nossa atenção. A aquisição de informações procedentes das mais diversas fontes, desde as rigorosamente científicas, como as de diversos níveis de rigor metodológico, as literárias ou até as do noticiário informativo, bem como a reflexão baseada nas regras do raciocínio lógico, ajudaram-nos a delinear os melhor.

A estruturação de nossas investigações e reflexões sobre o assunto deu origem a um trabalho que apresentamos sob a forma de tese de doutorado em Bioética, em agosto de 2012.⁴ O objetivo do presente artigo é resumir, em breves palavras, a metodologia que empregamos em tal investigação, seus resultados e suas conclusões, tendo em vista compartilhar nossas observações e estimular o desenvolvimento dos estudos na área.

Delimitação do tema e do problema

Existiria uma capacidade do ser humano para reunir seus critérios ético-morais, seus valores pessoais e comportamentais, de modo a nortear seus atos, hábitos e costumes? Muito antes de nós, diversas ciências já se ocuparam de seu estudo, tais como a Antropologia, a Ética, a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia, dentre outras, e deram-lhe o nome de *ethos*.

O que vem a ser este *ethos*? Qual é sua natureza? Quais as suas propriedades? Dentre estas últimas, tem ele, de fato, a possibilidade de modificar-se? Por que a tem? Como a exerce? Por que tais mudanças dão origem a questões de natureza ética? Como denominar tal mutabilidade? Haveria estudos prévios sobre este tema?

O investigador habituado ao método científico começaria sua atividade, naturalmente, tendo em vista a última pergunta. Foi o que procuramos fazer. Entretanto, quanto mais pesquisávamos, mais nos dávamos conta de uma notável escassez de estudos direta ou expressamente voltados para o tema.

Não encontramos, sequer, um nome ou qualificativo cientificamente estabelecido para a referida mutabilidade. À falta de melhor, servindo-nos do

4) CAVALCANTI NETO, Lamartine de Hollanda. Contribuições da Psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do *ethos*. 2012. 2v. Tese (Doutorado em Bioética) – Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2012.

raciocínio e da linguagem analógica, começamos a estudá-la sob o nome de plasticidade do *ethos*. E, com isso, conseguimos definir o nosso tema.

Todo pesquisador, ao debruçar-se sobre um assunto, procura verificar qual a metodologia mais adequada para investigá-lo. Deparamo-nos, também aqui, com outra dificuldade singular. Assim como não encontramos trabalhos diretamente voltados para o tema, muito menos descobrimos métodos previamente validados para estudá-lo.

Concluimos que ele parecia se encontrar ainda numa fase de definição metodológica, e nos propusemos a avaliar um instrumento de pesquisa. Dada a nossa formação pessoal na área, e os estudos que temos desenvolvido sobre a Psicologia Tomista, pareceu-nos que ela poderia se prestar adequadamente para este fim. Donde surgiu nosso problema ou questão de pesquisa, isto é, se a Psicologia Tomista pode ser considerada um instrumento válido para o estudo da plasticidade do *ethos*.

Bioeticidade do tema e do problema

Outra questão, contudo, poderia se apresentar no pórtico desse estudo. Em que âmbito situar nossa discussão? Qual enfoque disciplinar seria o mais adequado? O antropológico, o filosófico, o jurídico, o político, o psicológico, o sociológico?

A análise das informações obtidas nos levantamentos bibliográficos, bem como das reflexões a que elas deram ocasião, nos levaram à convicção de que se tratava de um tema caracteristicamente inter-multi-transdisciplinar, dado que compreendia tanto as disciplinas mencionadas, como outras ainda, tais como a literatura, as ciências da saúde, as artes plásticas, a música, a economia, a administração ou a ética. Donde nos parecer apropriado enfocá-lo no âmbito bioético, por se constituir numa espécie de interseção de todos os anteriores.

Por outro lado, é preciso lembrar que a Ética é “a ciência do *ethos*”,⁵ e que a Bioética pode ser considerada, como a conceitua Potter,⁶ por exemplo, como uma ética da vida e do ser vivo.

5) LIMA VAZ, Henrique Carlos. *Escritos de filosofia IV*. Introdução à ética filosófica 1, p. 17 e p. 35. São Paulo: Loyola, 1999. 488 p.

6) POTTER, Van Rensselaer. Bioethics: the Science of Survival. *Perspectives in Biology and Medicine*, v. 14, n. 1, p. 127-153, 1970.

Em consequência, o estudo do *ethos* está na raiz de todos os temas que dizem respeito à Bioética, dado que ele é o objeto específico de sua ciência-mãe, a Ética, e, por isso, extensivo às questões específicas do campo bioético. Por outro lado, se dentre as propriedades deste objeto está a de ser mutável, plástico, influenciável, o estudo desta plasticidade também diz respeito à Bioética, uma vez que esta há de se interessar pela natureza e por todas as propriedades do *ethos*.

Na realidade, desde os seus primórdios, a Bioética leva em conta a plasticidade do *ethos*, pois todas as questões e dilemas éticos só existem porque o *ethos* humano é modificável. Donde decorre o especial interesse que seu estudo e aprofundamento devem suscitar, ainda que o tema possa ser considerado como em fase de definição metodológica.

E exatamente porque ele parece estar nessa fase, a investigação sobre a utilidade da Psicologia Tomista para o seu estudo é também do interesse da Bioética, dado que a devida avaliação dos instrumentos de investigação é de fundamental importância para o aprofundamento de qualquer pesquisa.

Objetivos de investigação

Em vista disso, pareceu-nos conveniente adotar, como objetivo geral dos nossos esforços, avaliar, no plano teórico, se a Psicologia Tomista é, de fato, um instrumento válido para a investigação sobre a plasticidade do *ethos*.

Em função da metodologia de estudo que se nos afigurou como adequada, e sobre a qual nos estenderemos no próximo tópico, adotamos como objetivos específicos formar uma visão de conjunto da Psicologia Tomista, incluindo uma análise crítica de sua validade científica; examinar a natureza da plasticidade do *ethos*, incluindo uma análise mais detida sobre se é ou não um tema bioético; e deduzir contribuições da Psicologia Tomista para o estudo da plasticidade do *ethos*, tendo em vista responder à questão formulada no objetivo geral.

Metodologia de estudo

Além da dificuldade metodológica acima mencionada, deparamo-nos com várias outras. Embora os conceitos de método ou de metodologia propos-

tos por diversos autores⁷ sejam muito claros, ainda que possa haver algumas divergências formais entre eles, sua aplicação para o tema em questão não nos pareceu tão simples.

A característica de inter-multi-transdisciplinaridade da Bioética, apesar de aportar vantagens ao seu estudo, pode comportar também uma séria dificuldade em termos metodológicos. Com efeito, quanto maior a abrangência de um objeto de pesquisa, em termos de disciplinas concernidas, tanto maior será tal dificuldade, pois um método adequado para uma delas pode não ser o mais indicado para as outras. Por outro lado, o cunho filosófico do nosso enfoque nos colocou diante de diversas alternativas metodológico-filosóficas, como as apresentadas por alguns autores.⁸

Em vista dessas e de outras dificuldades metodológicas, vimo-nos obrigados a recorrer ao auxílio de especialistas experimentados, além de procurar respostas em considerável número de autores.⁹ A solução epistemo-metodo-

-
- 7) Cf., por exemplo: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210 p.; FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. Tradução Maria Stela Gonçalves et al. Rev. Renato da Rocha Carlos. São Paulo: Loyola, 2004. v. 3, 796 p.; LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. 3. ed. Tradução Fátima Sá Correia et al. Rev. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 1336 p.; MONDIN, Battista. *Dizionario enciclopedico del pensiero di San Tommaso d'Aquino*. 2. ed. Bologna: Studio Domenicano, 2000. 764 p.
- 8) CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006. 424 p.; FERRATER MORA. Op. cit.; FOLSCHEID, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Metodologia filosófica*. Tradução Paulo Neves. Rev. Eduardo Brandão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 394 p.
- 9) Cf., por exemplo: ABBAGNANO. Op. cit.; ALVESSON, Mats; SKÖLDBERG, Kaj. *Reflexive methodology: new vistas for qualitative research*. 2. ed. London: Sage, 2009. 360 p.; ANDERSON, Barry F. *Psychology experiment: an introduction to the scientific method*. Belmont: Wadsworth, 1966. 162 p.; BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. Petrópolis: Vozes, 1990. 127 p.; BECKER, Howard Saul. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 4. ed. Tradução Marco Estêvão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1999. 178 p.; CAMPOS, Luiz Fernando de Lara. *Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia*. 4. ed. Campinas: Alínea, 2008. 154 p.; CAMPOS, Anna Maria de Souza Monteiro; COSTA, Isabel de Sá Affonso da. Espaços e caminhos para a pesquisa em administração: estimulando a prática da reflexividade. *Revista de Administração Pública* [on line]. Rio de Janeiro, v. 41, p. 37-48, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v41nsp/a03v41sp.pdf>>. Acesso em 16 maio 2011; CHAUI. Op. cit.; CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2008. 164 p.; DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3. ed. (12ª tiragem). São Paulo: Atlas, 1995. 294 p.; DESCARTES, René. *Discurso do método e regras para a direção do espírito*. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2000. 144 p.; ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. Rev. Rosane Scoss Nicolai e Saulo Alencastre. 21. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. 174 p.; FERRATER MORA. Op. cit.; FLICK, Ume. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução Sandra Netz. Rev. téc. Teniza da Silveira. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. 312 p.; FOLSCHEID; WUNENBURGER. Op. cit.; FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Tradução Octanny S. da Mota e Leônidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. 488 p.; GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206 p.; GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa em ciências sociais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. 107 p.;

lógica que encontramos, depois de analisar a questão sob o prisma do conflito de paradigmas, foi a de adotar um paradigma epistemológico e uma metodologia consonantes com nosso referencial teórico básico, que é o aristotélico-tomista, além de adequar a metodologia empregada à questão e aos objetivos de pesquisa.

No que fomos confirmados por Campos,¹⁰ que sustenta ser de “fundamental importância que se observe a coerência entre o problema e o método esco-

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, maio-ago. 2006. _____ . Métodos de pesquisa em psicologia social. In: TORRES, Cláudio Vaz; NEIVA, Elaine Rabelo. (Orgs.). *Psicologia social: principais temas e vertentes*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 58-76; HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNANDEZ-COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, Pilar. *Metodología de la investigación*. 4. ed. Mexico DF: McGraw-Hill, 2008. 501 p.; KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução Lucimar A. Coghi Anselmi e Fúlvio Lubisco. São Paulo: Martin Claret, 2009. 540 p.; KAPLAN, Abraham. *A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento*. Tradução Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Herder, 1969. 440 p.; KUHN, Thomas Samuel. *The copernican revolution: planetary astronomy in the development of Western thought*. Cambridge: Harvard University Press, 1957. 297 p. _____ . *The structure of scientific revolutions*. 3. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1996. 212 p.; LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 320 p.; LALANDE. Op. cit.; MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 225 p.; MAY, Tim. *Pesquisa social. Questões, métodos e processos*. Tradução Carlos Alberto Silveira Netto Soares. Rev. téc. Soraya Maria Vargas Cortes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 288 p.; MELTZOFF, Julian. *Critical thinking about research: psychology and related fields*. Washington: American Psychological Association, 1998. 297 p.; MONDIN, Battista. *O homem: quem é ele?* Elementos de antropologia filosófica. 5. ed. Tradução R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. Rev. Danilo Morales. São Paulo: Paulinas, 1980. 319 p.; MORAL, Irineo Gonzalez. *Metodología*. Santander: Sal Terrae, 1960. 241 p.; POPPER, Karl Raimund. *A lógica da pesquisa científica*. Tradução Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1972. 567 p.; REA, Louis M.; PARKER, Richard A. *Metodologia de pesquisa: do planejamento à execução*. Tradução Nivaldo Montigelli Jr. Rev. téc. Otto Nogami. São Paulo: Pioneira, 2000. 262 p.; RIBEIRO NETO, Francisco Borba. Conhecimento e bioética. In: RAMOS, Dalton Luiz de Paula. (Org.). *Bioética: pessoa e vida*. São Caetano do Sul: Difusão, 2009. p. 73-85; RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 180 p.; SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 425 p.; SEVERINO, Joaquim Antônio. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.; TOMAZETTE, Marlon. A contribuição metodológica de Max Weber para a pesquisa em ciências sociais. *Universitas Jus*, Brasília, v. 17, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/jus/article/viewFile/614/545>>. Acesso em: 12 maio 2011; VIEIRA, Sônia. *Como escrever uma tese*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 138 p. _____ . *Como elaborar questionários*. São Paulo: Atlas, 2009. 162 p.; VIEIRA, Sônia; HOSSNE, William Saad. *Metodologia científica para a área de saúde*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001. 192 p.; WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. Tradução Augustin Wernet. Introdução à ed. brasileira de Mauricio Tragtenberg. São Paulo/Campinas: Cortez/EDUNICAMP, 1992. 2 v.; WOODS, John; ROSALES, Alirio. Virtuous distortion: abstraction and idealization in model-based science. In: MAGNANI, Lorenzo; CARNIELLI, Walter; PIZZI, Claudio. (Eds.). *Model-based reasoning in science and technology: abduction, logic, and computational discovery*. Berlin/Heidelberg: Springer-Verlag, 2010. p. 3-30. (Studies in Computational Intelligence, v. 314, 2010). Disponível em: <<http://www.springerlink.com/content/978-3-642-15222-1/#section=786012&page=1&locus=0>>. Acesso em: 4 dez. 2011.

10) CAMPOS. Op. cit., p. 59.

lhido”, bem como por Ferrater Mora,¹¹ quando afirma que as questões relativas ao método referem-se não somente aos problemas lógicos, mas também aos epistemológicos e até aos metafísicos.

Servindo-nos da distinção entre método de abordagem e métodos de procedimento, apresentada por Marconi e Lakatos,¹² pareceu-nos mais conveniente adotar, como método de abordagem, o hipotético-dedutivo, por tentarmos “preencher uma lacuna nos conhecimentos” referentes ao nosso tema, e por testarmos nossa hipótese “pelo processo da inferência dedutiva”.¹³

Quanto ao de procedimento, optamos por uma investigação descritiva, que nos permitiu explicar as informações que levantamos sobre o tema, e por uma apresentação de resultados dedutivo-propositiva. Por fim, como técnica ou estratégia, lançamos mão da pesquisa bibliográfica, quando buscamos informações naqueles que já se interessaram pelo tema, e da documental, quando recorremos a fontes originais.

Procuramos, ademais, adequar nosso método de estudo aos critérios de validade investigativa, tais como os propõem diversos autores.¹⁴ Sinteticamente, e em coerência com este delineamento de pesquisa, propusemo-nos a apresentar o que outros autores já trataram sobre a Psicologia Tomista, bem como sobre o *ethos* e sua plasticidade, de modo a permitir a análise e a dedução de contribuições da primeira ao estudo da segunda. E, com base nessas deduções, responder afirmativamente à nossa questão de pesquisa, caso tais contribuições possam ser identificadas, ou negativamente, caso contrário.

Por fim, para garantir essa nossa opção metodológica, buscamos respaldos em especialistas, e os encontramos em diversos autores acreditados.¹⁵

11) FERRATER MORA. Op. cit.

12) MARCONI; LAKATOS. Op. cit., p. 110.

13) Ibid.

14) Cf., por exemplo: ALVESSON; SKÖLDBERG. Op. cit.; CAMPOS. Op. cit.; CAMPOS; COSTA. Op. cit.; GOLDENBERG. Op. cit.; KAPLAN. Op. cit.; MELTZOFF. Op. cit.; SELLTIZ, Claire; WRIGHTSMAN, Lawrence Samuel; COOK, Stuart Wellford. Explorando o mundo social. In: KIDDER, Louise H. (Org.). *Métodos de pesquisa nas relações sociais: delineamentos de pesquisa*. Tradução José Roberto Maluf e Bernardete A. Gatti. 2. ed. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1987. v. 1, p. 1-10.

15) ABBAGNANO. Op. cit.; CAMPOS. Op. cit.; CAMPOS; COSTA. Op. cit.; CHAUI. Op. cit.; FOLSCHIED; WUNENBURGER. Op. cit.; GÜNTER. Op. cit.; SEVERINO. Op. cit.

A Psicologia Tomista

A vastidão da Obra de São Tomás de Aquino constituiu, em certo sentido, outra dificuldade, tanto mais que ele não escreveu tratados ou capítulos especificamente dedicados ao tema em epígrafe, mas sim sobre a alma humana, sob diversos aspectos. Aliás, o Fr. Robert Brennan, OP,¹⁶ uma das maiores autoridades na matéria, assegura que nem o Doutor Angélico, nem Aristóteles, empregavam o termo Psicologia, no sentido em que se usa hoje em dia. No que é indiretamente corroborado por Braghirolli et al.,¹⁷ que atribuem a origem do termo a Philip Melanchthon, e sua difusão inicial a Christian von Wolff.

Os estudos de São Tomás de Aquino sobre a alma estão disseminados em vários trechos de suas obras,¹⁸ especialmente na Suma Teológica. Brennan¹⁹ realizou uma síntese feliz sobre o tema, cujo mérito pode ser estendido a outros autores.²⁰

Parece-nos, contudo, tarefa literalmente impossível resumir, em um só artigo, toda a Psicologia Tomista, e mesmo apresentar uma síntese dos resumos já realizados. A perda de conteúdo seria tal, que desqualificaria o trabalho. Tanto mais que ela requer o conhecimento de alguns pressupostos da

16) BRENNAN, Robert Edward. *Psicología general*. Trad. Antonio Linares Maza. 2. ed. Madrid: Morata, 1969.

17) BRAGHIROLLI, Elaine Maria et al. *Psicologia geral*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 219 p.

18) Cf. por exemplo: *Summa Theologiae*; *Summa contra gentiles*; *De veritate*; *Sentencia in Aristotelis libri De Anima*; *Quaestiones disputatae de Anima*.

19) BRENNAN, Robert Edward. *Psicología tomista*. Trad. Efrén Villacorta Saiz, O. P. Revisão José Fernandez Cajjal, O. P. Ed. atualizada pelo Autor. Barcelona: Editorial Científico Médica, 1960. _____. Op. cit., 1969.

20) Cf., por exemplo: ALIBERT, Charles. *La psychologie thomiste et les théories modernes*. Paris: Beauchesne, 1903. 417 p.; BARBADO, Manuel. *Introducción a la psicología experimental*. 2. ed. Madrid: Instituto Luís Vives de Filosofia, 1943. 675 p.; BUTERA, Giuseppe. Second harvest: further reflections on the promise of the Thomistic Psychology. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, v. 17, n. 4, p. 377-383, Dec. 2010. _____. Thomas Aquinas and cognitive therapy: an exploration of the promise of the Thomistic Psychology. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, v. 17, n. 4, p. 347-366, Dec. 2010; CANTIN, Stanislas. *Précis de psychologie thomiste*. Québec: Université Laval, 1948. 173 p.; FARGES, Albert; BARBEDETTE, Désiré. *Cours de philosophie scolastique*. 12. ed. Paris: Baston, Berche et Pagis, 1923. 554 p.; GARDEIL, Henri Dominique. *Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino*. Tradução Wanda Figueiredo. São Paulo: Duas Cidades, 1967. 2 v.; LINDWORSKY, Johannes. *Experimental psychology*. Tradução Harry R. de Silva. New York: Macmillan, 1931. 406 p.; MERCIER, Desiré Joseph. *Curso de filosofia*. Psicologia. Buenos Aires: Anaconda, 1942. 718 p.; ROYO MARÍN, António. *Teología de la perfección cristiana*. 5. reimpressão da 1. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1968. 991 p. _____. *Somos hijos de Dios*. Misterio de la divina gracia. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1977. 214 p.; ZARAGÜETA BENGOTXEA, Juan. *Los rasgos fundamentales de la psicología tomista*. Madrid: La Enseñanza, 1925. 39 p.

metafísica aristotélica. Os leitores interessados poderão encontrá-la amplamente descrita nas fontes que acabamos de referir, ou sistematizada e comentada em nossa tese.²¹

Apenas para tornar compreensíveis os resultados a que chegamos, recordamos aqui que a Psicologia Tomista estuda o homem em sua essência, propriedades, atos e hábitos. Para isso, São Tomás se baseia no conceito de pessoa de Boécio, que a entende como “a substância individual de natureza racional”.²²

Ele retoma e desenvolve o conceito aristotélico de potências do ser humano, que, junto com sua materialidade corporal, formam o que chama de um composto hilemórfico.²³ Tais potências viabilizam os atos cognoscitivos, apetitivos, locomotores e vegetativos de que dispomos.

Ele divide as potências cognoscitivas em intelectiva e sensitivas. A primeira se identifica com a inteligência, e a segunda é subdividida em sentidos internos e externos. As apetitivas se subdividem em natural, sensitivas e racional, sendo esta última o mesmo que a vontade. Os outros dois gêneros, isto é, o locomotor e o vegetativo, não têm subdivisões.

São Tomás mostra como o processo do conhecimento humano tem origem nos sentidos externos, que passam suas informações aos internos, os quais, por sua vez, as apresentarão à inteligência. O papel dessa interação é transformar a realidade captada, que é um composto de matéria e de forma, numa realidade apenas formal, ou, na linguagem moderna, numa informação. Por ser a inteligência uma realidade puramente formal, ela precisa ter diante de si objetos formais para poder entendê-los, ou seja, para captar sua essência ontológica.

Dessa simples apreensão da realidade, ou formação das ideias, o entendimento passa à dos juízos, quando compara ideias entre si, e depois à das inferências, quando compara juízos, no processo que conhecemos como raciocínio. Conhecido um objeto, nossos apetites desejá-lo-ão ou o rejeitarão, seja no simples nível vegetativo, através do apetite natural, no sensitivo, através dos apetites sensitivos, ou no racional, que é a vontade livre. Ou, melhor dizendo, através da interação de todos eles. O ciclo da vida consciente²⁴ completa-se

21) O texto integral da tese, intitulada “Contribuições da Psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do *ethos*”, pode ser encontrado na internet.

22) BOETHIUS, Anicius Manlius Severinus. *Liber contra Eutychem et Nestorium*, cap. 3 (Ed. Loeb. H.F. Stewart; E.K. Rand; S.J. Tester, 1973, p. 84).

23) Do grego *hylé*, matéria, e *morphé*, forma.

24) Cf. BRENNAN. Op. cit., 1969, passim.

quando o indivíduo põe-se em movimento para executar o que esse processo prévio lhe indicou como mais adequado ao seu ser.

São Tomás dá especial atenção ao mais alto dos sentidos internos, que é a cogitativa, a qual põe em movimento os instintos e tem relação com as matrizes para o conhecimento intelectual, bem como aos atos produzidos pelos apetites sensitivos, que ele denomina de paixões, hodiernamente conhecidas como emoções e sentimentos.

Com base nessas noções, aqui tão sumariamente expostas, a Psicologia Tomista permite desenvolver toda uma série de aportes relativos à interação das potências entre si, que dá origem a processos estudados pela psicologia atualmente, tais como a atenção, o desenvolvimento, a motivação, a aprendizagem e a personalidade. Bem como quanto à compreensão do funcionamento patológico dos mesmos, e ainda à dedução de princípios terapêuticos que lhes são aplicáveis.

Embora São Tomás não tenha tratado expressamente do que hoje se chama Psicologia Social, os pressupostos que oferece também propiciam o desenvolvimento de várias aplicações a este ramo do conhecimento, em especial no tocante ao estudo da opinião pública. Nossos estudos permitiram reunir vários desses contributos, que parecem ser de muita utilidade para a compreensão do *ethos* e de suas propriedades.

Interessante notar que, concomitantemente com nossas pesquisas sobre a Psicologia Tomista, e na intenção de examinar sua validade intrínseca, fomos encontrando vários estudos empíricos recentes que corroboram, no mais alto nível científico, ora mais diretamente, ora menos, o acerto de seus ensinamentos. Como ultrapassaria os limites do presente texto apresentá-los aqui, remetemos o leitor interessado à nossa tese, onde poderá encontrá-los com facilidade, ao longo da exposição da Psicologia Tomista.

A plasticidade do ethos

Se na temática anterior o problema talvez estivesse na riqueza e na abundância de conteúdo e de referências, nesta, a dificuldade se apresentou de inverso modo. Não que não haja estudos sobre o *ethos*. Pelo contrário, são abundantes, sob diversos aspectos. Menos, porém, sob o de sua plasticidade. Tanto a pesquisa em bibliotecas, quanto a consulta a especialistas, quanto o recurso a bases de dados informatizadas internacionais, resultaram quase infrutíferos.

Tal resultado, entretanto, era apenas aparente. Servindo-nos de uma linguagem analógica, podemos dizer que a abordagem de um tema pode ser perpendicular, quando direta e expressamente voltada para ele, ou tangencial, com graus diversos de incidência, quando apenas indiretamente.

Procurando-o sob este último ângulo de visão, encontramos uma tão grande quantidade de estudos, produções ou outras manifestações da presença do tema ao longo da História, que o problema da escassez bibliográfica se inverteu.

Em nossa tese, pudemos compilar, ainda que em traços gerais, um longo percurso do tema, sob diversas formas de presença ou de expressão, desde os tempos mais remotos até os presentes dias, comprovando-o com citações, referências e alusões a fatos concretos indiscutíveis.

Pudemos identificá-lo, inclusive, em incontáveis estudos na área da Bioética, desde os seus primórdios até os dias atuais. Dispensamo-nos de referenciá-los aqui, bem como de detalhar a referida presença do tema ao longo da História, para evitar uma extensão incompatível com as dimensões deste artigo.

Esse conjunto de fatos nos conduziu à convicção de que a plasticidade do *ethos* é um tema pouco estudado e, ao mesmo tempo, paradoxalmente muito disseminado. Pouco estudado porque nem a pesquisa, em vários idiomas, realizada em onze bases de dados informatizadas internacionais diferentes, permitiu identificar títulos ou conteúdos expressamente voltados para ele.

E disseminado, porque foi possível identificar sua presença ou manifestações, ainda que de forma indireta ou tangencial, nos mais diversos ramos do conhecimento e do acontecer humano ao longo da História. E não poderia ser de outro modo, pois sua evidência não poderia passar despercebida.

Para estudá-lo convenientemente, porém, convinha fazer um levantamento prévio sobre o *ethos*, procurando desambiguar os muitos sentidos que o vocábulo, marcadamente polissêmico, possui. O recurso a obras de referência em matéria de etimologia foi de especial auxílio nessa matéria.

Apesar disso, foi preciso estudá-lo ainda sob vários outros enfoques, tais como o antropológico, o bioético, o epistemológico, o filosófico, o histórico, o metodológico, o psicológico e o sociológico, para ensaiar, com algum grau de segurança, uma terminologia apropriada, tanto para *ethos*, quanto para plasticidade do *ethos*, que nos servisse de baliza em nossas pesquisas e raciocínios.

Ademais, convinha investigá-lo do ponto de vista da sua natureza, propriedades e relações, para o que foram de utilidade trabalhos de diversos auto-

res.²⁵ Dentre os autores nacionais, talvez o Pe. Lima Vaz tenha sido o que mais detidamente se voltou para o tema.

Ele o aborda, contudo, com um enfoque assumidamente fenomenológico e dialético-hegeliano que, a nosso ver, dificulta o aprofundamento do assunto por estar em contraposição com o enfoque realista-moderado de Aristóteles, no qual ele também se baseia, como boa parte dos autores que se propuseram a estudar o *ethos*. O próprio Lima Vaz parece reconhecer a lacuna quando comenta que:

A fenomenologia apresenta-se, pois, aqui como um *método* (caminho) propedêutico à Ética. Não é o método do discurso ético especificamente tal, pois esse se constrói através de uma conceptualidade *filosófica* cujo alcance gnosiológico transcende os limites da descrição fenomenológica. De fato, a ideia de uma Ética rigorosamente *fenomenológica* viu-se em face de dificuldades que, nos casos mais significativos, tornaram inevitável o recurso a uma *ontologia* do sujeito ético.²⁶

Ora, o recurso a essa “ontologia do sujeito ético”²⁷ é justamente o que procuramos na Psicologia Tomista, com base na sua fundamentação gnosiológica realista-moderada, e esta foi uma das razões que nos motivaram a procurar validá-la enquanto instrumento de estudo para o nosso tema.

Dada a complexidade e a extensão da obra de Lima Vaz, não podemos afirmar que ele não aborde questões tais como o que é que daria suporte ontológico ao *ethos* na pessoa humana, ou quais as suas potências, no sentido tomista da palavra, que propiciam o aparecimento do mesmo, ou quais suas relações com o intelecto dos princípios e a sindérese, e as repercussões desta sobre ele.

25) Cf., por exemplo: LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Op. cit., 1999. _____. *Escritos de filosofia II. Ética e cultura*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000a. 295 p. _____. *Escritos de filosofia V. Introdução à ética filosófica 2*. São Paulo: Loyola, 2000b. 246 p.; VERGNIÈRES, Solange. *Ética e política em Aristóteles: physis, ethos, nomos*. Tradução Constança Marcondes Cesar. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003. 301 p.; BROCHADO, Maria. Prolegômenos à ética ocidental. *Revista do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais*, v. 73, n. 4, p. 61-73, 2009. Disponível em: <<http://revista.tce.mg.gov.br/Content/Upload/Materia/637.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2012; REGO, Pedro Costa. Hábito e liberdade. Algumas considerações sobre a natureza do ethos. *Síntese*, v. 22, n. 69, p. 179-192, 1995. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/viewFile/1461/1827>>. Acesso em: 9 jun. 2012; SANTANA, Ildevagno Caetano. A resposta de Paul Ricoeur ao contratualismo hobbesiano e a impossibilidade de uma ética sem metafísica. *Pensar - Revista Eletrônica da FAJE*, v. 1, n. 1, p. 31-38, 2010. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/975/1408>>. Acesso em 21 jun. 2012.

26) LIMA VAZ. Op. cit., 1999, p. 38-39, itálicos do original.

27) *Ibidem*.

Dizemos apenas que não as encontramos naquelas de suas obras a que tivemos acesso.

Apesar da dificuldade epistemo-gnosiológica²⁸ há pouco mencionada, Lima Vaz²⁹ nos permitiu coligir informações significativas sobre a natureza do *ethos*, seu sujeito, objeto e propriedades. Ele enumera sete, quanto a estas últimas: a dualidade estrutural (individualidade e socialidade), a de morada e abrigo simbólico, a tendência para a estabilidade, a assimilatividade, a transmissibilidade, a historicidade e, por fim, a plasticidade.

Permitiu-nos ainda coligir ou deduzir aportes quanto ao dinamismo do *ethos* e da sua plasticidade, tanto no âmbito individual, notadamente das propriedades entre si, quanto no plano social. Neste particular, com consequências sobre a formação e o dinamismo dos costumes, da cultura, das civilizações e dos conflitos éticos.

Identificação de aportes da Psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do ethos

Na etapa do nosso estudo que hodiernamente se chama de discussão, isto é, a confrontação dos dados obtidos nos levantamentos bibliográficos tendo em vista a obtenção dos resultados e das conclusões, deparamo-nos, novamente, com uma riqueza de dados significativa, oriunda da identificação dos referidos aportes.

Tanto que, por razões metodológicas, tivemos de limitá-los ao plano teórico, deixando suas aplicações práticas ou operacionais para um estudo ou ocasião mais oportunos. E mesmo no nível teórico, reduzindo o número de explicações de contributos, tendo em vista a extensão assumida pelo texto de nossa tese.

28) Adotamos aqui a distinção apresentada por autores como Gomes (GOMES, William B. Gnosniologia versus epistemologia: distinção entre os fundamentos psicológicos para o conhecimento individual e os fundamentos filosóficos para o conhecimento universal. *Temas em Psicologia*, v.17, n.1, p. 37-46, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2009000100005&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 jun. 2012) ou Faitanin (FAITANIN, Paulo Sérgio. *A gnosniologia tomista*. [20--]. Disponível em: <<http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Filosofia/a-gnosniologia-tomista.php>>. Acesso em: 15 jun. 2012), por exemplo, que entendem a gnosniologia como o estudo da capacidade humana de conhecer, e a epistemologia como o estudo da validação daquilo que se conhece. Tais autores esclarecem que alguns textos filosóficos, por confusões oriundas de diferenças linguísticas e das respectivas traduções, têm utilizado o termo epistemologia em ambos os sentidos, embora com ênfase no segundo, dando margem para novas confusões conceituais.

29) LIMA VAZ. Op. cit. 1999, 2000a, 2000b.

A explanação de tais aportes, neste artigo, esbarraria na ausência ou carência da devida exposição dos pressupostos, que não pudemos apresentar aqui porque necessitamos de 458 páginas para expô-los em nossa tese. Limitamos-nos a enunciá-los, remetendo ao texto integral o leitor que sinta atração pela matéria.

A Psicologia Tomista nos permite deduzir tais aportes teóricos em pelo menos quatro grandes grupos: teórico-conceituais; metodológicos; relativos à natureza do *ethos* e da sua plasticidade; e atinentes a categorias de relação dos mesmos.

Quanto ao primeiro grupo, ela nos permite precisar o conceito de *ethos* e de plasticidade do *ethos*, aprofundando-os até suas raízes ontológicas, bem como o de critério moral, noção que serve de eixo para ambos. Quanto aos metodológicos, ela nos oferece contributos concretos decorrentes do seu enfoque gnosiológico, bem como do ontológico, além de viabilizar a adequação da metodologia à questão e objetivos de pesquisa, a que nos referimos na explanação do nosso método de estudo. Pois tal adaptação foi totalmente realizada com base nos pressupostos tomistas que adotamos, bem como na própria metodologia empregada pelo Aquinate.

Os contributos quanto à natureza do *ethos* e da sua plasticidade são numerosos. A Psicologia Tomista nos permitiu identificar seu suporte ontológico, as raízes de sua psicogênese, o papel da cogitativa e dos instintos, da imaginação e das emoções nesta última, a explicação para a aparente contradição entre a tendência para a estabilidade e para a plasticidade no *ethos*, bem como a compreensão da natureza da sua sociogênese.

No tocante ao estudo das suas relações, pudemos deduzir aportes referentes ao seu sujeito e objeto, às relações e interações das suas propriedades, em particular, quanto ao papel da plasticidade nessa interação. Também contributos relativos ao seu papel no dinamismo social, notadamente no da opinião pública, e, por fim, quanto à sua regulação.

A importância da regulação da plasticidade do *ethos* pode ser avaliada pelos resultados históricos da sua carência, que muitas vezes terminaram motivando guerras, revoluções sangrentas, crises financeiras ou eventos do gênero. Como pressuposto para esta regulação, o Doutor Angélico³⁰ demonstra que o bem se associa com a perfeição do ato de ser, e o mal, com a sua deficiência. Deste princípio ontológico, decorrem todas as suas consequências ético-morais.

30) TOMÁS DE AQUINO, Santo. *S. Th.*, I-II, q. 18, a. 1.

Em outros termos, ele mostra que a regulação da plasticidade do *ethos* dispõe de um critério objetivo para efetivar-se. E não somente ela, mas todo o dinamismo do *ethos* e de suas demais propriedades, a nível individual e social. Tal critério é esta correlação entre o ser e o bem, nos termos em que São Tomás a formula, ou seja, levando em conta a totalidade e as finalidades próximas e remotas do ser.³¹ Assim considerados, tudo o que favorece o ser, está associado ao bem. Tudo o que o prejudica, está associado ao mal.

Nisso consiste o que talvez seja o principal aporte da Psicologia Tomista ao estudo da plasticidade do *ethos*, pois permite identificar o que dá direcionalidade ético-moral a esta modificabilidade. Este contributo consiste, em primeiro lugar, na identificação da conveniência ontológica do ser com o bem. E, em consequência, na dedução de que tal plasticidade será boa quando levar o *ethos* a modificar-se para favorecer o ser, e má quando o prejudicar ou debilitar.

Conclusão

Uma vez que nossos estudos tomaram como questão de pesquisa se a Psicologia Tomista poderia ser considerada um instrumento de investigação válido para a plasticidade do *ethos*, e que nossa metodologia adota como evidente pressuposto que a identificação de aportes da primeira ao estudo da segunda nos permite concluir afirmativamente, só nos resta assumir esta conclusão.

Ainda que o número e as aplicações desses contributos pudessem ser significativamente maiores, a quantidade que nos foi possível deduzir pareceu já suficiente para responder afirmativamente à referida questão.

Naturalmente, concedemos que esta resposta possa ser considerada aberta, dada a complexidade do tema e as novas questões que seu aprofundamento possa aportar. Ao que se pode acrescentar que a diversidade contemporânea de critérios epistemo-gnosiológicos possa levar alguns de nossos leitores a questionarem pressupostos integrantes dos nossos silogismos.

Porém, a nosso ver, o verdadeiro espírito científico consiste na busca desinteressada da verdade objetiva, para o que a colaboração entre os que se dedicam a estudá-la é de fundamental importância.

31) É nesse sentido que, por exemplo, a amputação de um membro gangrenado não é um prejuízo ao ser de um indivíduo, mas um benefício, se consideradas sua totalidade e suas finalidades.

Por isso, convidamos os que se sentirem atraídos pelo tema a que procurem desenvolver seus próprios estudos sobre o mesmo, e nos ajudem a aperfeiçoar os nossos enviando-nos suas valiosas contribuições, sejam elas sob a forma de críticas, objeções, complementações ou sugestões.